



BOTTON, Alain de. *Religião para Ateus*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. 272p.

Daniel Foschetti Gontijo*

André Luiz Alves Rabelo**

Atualmente, a crítica à religião vem sendo amplamente organizada e difundida. Investidas contundentes têm sido alardeadas por expoentes como Sam Harris, Richard Dawkins, Daniel Dennett e Christopher Hitchens. Sob essa influência, um número crescente de pessoas é levado não só a negar a existência de deuses, mas também a menosprezar qualquer coisa que esteja associada às religiões. Sensível a esse cenário, o filósofo suíço Alain de Botton discute, em seu livro *Religião para Ateus*, o que seria “o erro do moderno ateísmo” e, ao mesmo tempo, propõe o que pode ser ultrajante à maioria dos ateus: aprender com as religiões -- sobretudo com o cristianismo, o judaísmo e o budismo. Ao abandonar a crença de que existem deuses, caberia à sociedade secular a incumbência de oferecer suporte às exigências humanas que, até então, só as religiões se dispuseram a atender. Botton sugere que, desde que descartemos seus aspectos sobrenaturais, poderíamos gozar de técnicas, ideias e práticas religiosas que, ao longo dos séculos, vem sendo úteis para a vida em comunidade e para o enfrentamento do sofrimento humano. Similarmente ao que já propusera Auguste Comte, Botton acredita que “a cultura pode substituir a Escritura” -- quer seja pela arte, literatura e filosofia, quer seja pela secularização de práticas religiosas.

Em um contexto marcado por críticas às religiões por um grupo crescente de ateus, agnósticos e humanistas seculares, *Religião para Ateus* traz uma proposta inovadora e, de certa forma, pacificadora. Ao mesmo tempo em que algumas questões sociais e individuais básicas podem ser contempladas por mecanismos seculares, inspirar-se no que as religiões sempre fizeram pode ser, além de um sinal de maturidade e gratidão, uma forma de

* Mestrando em Neurociência e Comportamento (UFMG). País de origem: Brasil. E-mail: gontijo.daniel@gmail.com

** Graduando em Psicologia (UnB). País de origem: Brasil. E-mail: andreluiz.arabelo@gmail.com

sensibilizar os "ateus militantes". Se as pessoas são mais tolerantes e simpáticas a quem ou às coisas que compreendem, o mesmo deve ocorrer em relação às religiões. Lançando mão de artifícios textuais e estéticos, o autor mostra sensibilidade e inteligência ao descrever o que pode ser secularmente aproveitado das organizações mais poderosas que jamais existiram.

Inicialmente, Botton pressupõe que as religiões procuram solucionar dois problemas básicos que, nos dias de hoje, não são satisfatoriamente resolvidos pela sociedade secular: a convivência social de maneira harmônica, baseada em preceitos morais, e a superação das dores da vida -- como as que advêm do fim de uma relação amorosa, do falecimento de um ente querido e da iminência da própria morte. O autor argumenta que, apesar de as instituições seculares serem exímias ao solucionar os problemas do corpo -- como ao fornecer medicamentos, roupas e alimentos --, não oferecem soluções eficientes para alguns problemas psicológicos humanos. As religiões, por outro lado, desenvolveram mecanismos que tentam responder às demandas mais íntimas, ambíguas e profundas que nos assaltam. A não ser pelos livros de autoajuda e pela psicoterapia -- que são alvo de constantes críticas --, as pessoas contam com pouquíssimas instruções explícitas sobre como agir com cônjuges, parentes e colegas em situações de conflito, bem como podem não ter a quem recorrer ou aonde ir em momentos de dor, angústia ou desespero. A cultura contemporânea, que, segundo Botton, prega a ideologia da independência, parece ignorar o fato de que os seres humanos precisam de orientações, lembretes e refúgio. Diante disso, torna-se difícil fazer com que o rico material literário, filosófico, artístico e ficcional que a sociedade secular dispõe assumam, aos poucos, a função dos textos sagrados.

Botton esforça-se, então, para apresentar o que seriam teses básicas, comuns e subjacentes às doutrinas religiosas. Por exemplo, as religiões parecem sugerir que as pessoas são, mesmo quando adultas, como crianças, que precisam de orientações sobre como agir e de entidades que as acolham, as protejam e as aprovem. Essas orientações, por sua vez, devem ser simples, claras e lembradas regularmente, porquanto a mente humana, análoga a uma peneira, não consegue reter fácil e eficientemente as informações sobre o mundo. Assim, diante das limitações mentais e da insuperável infantilidade humanas, as religiões formulam e nos oferecem calendários, cultos, rituais, afrescos, parábolas,

mandamentos e, é claro, entidades poderosas que nos inspiram, nos amedrontam ou nos confortam.

Baseado nos princípios supracitados, o filósofo analisa a inserção das religiões em diversos âmbitos humanos. A vida em comunidade, os sistemas de ensino, a função da arte e da arquitetura e o papel das instituições organizadas, por exemplo, são tópicos que mereceram capítulos independentes em seu livro. Botton não se atém a descrever como as religiões fornecem soluções para os problemas da vida cotidiana. Com inventividade, ousadia e pragmatismo, ele oferece versões secularizadas dessas soluções. Não precisamos, por exemplo, ser judeus para instituir um “Dia do Perdão”; templos temáticos e seculares podem ser levantados para propiciar reflexões, relaxamento e insights; “Restaurantes Ágapes”, inspirados em certos elementos missais, proporcionariam a dissolução de tribos e preconceitos; e os museus e as universidades poderiam ser rearranjados, respectivamente, em salões e departamentos dedicados a aspectos primordiais da existência humana, como ao “autoconhecimento”, ao “amor” e à “morte.” Tais sugestões poderiam ser implementadas com facilidade, e seus possíveis benefícios poderiam ser avaliados na prática.

Entretanto, o autor adianta que suas ideias podem não soar bem aos ouvidos dos ateus. Se a proposta geral do livro é coerente, viável e socialmente valiosa, alguns pontos específicos não estão satisfatoriamente protegidos contra críticas. No segundo capítulo, por exemplo, Botton sugere que, uma vez ao ano, os Restaurantes Ágapes poderiam abrigar a libertinagem. Semelhantemente à “Festa dos Loucos”, ocasião em que o cristianismo medieval celebrava a insensatez humana, os frequentadores do restaurante beberiam, comeriam, jogariam e transariam livremente, como que libertando seus impulsos presumivelmente reprimidos na maior parte do tempo. Essa prática seria sustentada pelo controverso e discutível argumento de que, se não tivermos alguns dias para extravasar, seremos insatisfeitos e eventualmente perderemos o controle.

Para citar mais um exemplo, o autor sugere que, nas universidades, o conteúdo das disciplinas sejam passados como as mensagens religiosas o são em cultos e missas. Os professores deveriam fazer cursos de oratória com os pastores, e o perfil das aulas poderia se assemelhar às “chamadas e respostas” que definem a relação dos líderes religiosos com os fiéis. Mas os professores universitários não ensinam dogmas, e devem valorizar a crítica

e a reflexão em detrimento de uma postura passiva dos alunos. Entusiasmo, simplicidade e sistematização no ensino não precisam se confundir com a falaciosa infalibilidade da autoridade.

Adicionalmente, Botton falha por não ter abordado um tópico importante: o da construção de sentido através das religiões. Em certos trechos, o autor parece aludir que a filosofia ocuparia a função de edificar algum sentido para a vida; porém, e a despeito de o autor ser um filósofo, quase nada foi desenvolvido acerca de como isso pode ser feito. Se a moralidade pode ser conquistada independentemente das religiões, parece ser um tanto mais difícil erigir um sentido secular para a vida, que é presumivelmente finita. Num trecho em que Botton descreve as ideias budistas sobre o ego, ressalta-se o quão apegado o ser humano é não só com os objetos do mundo, mas também consigo mesmo. Assim, a ideia de que a vida é finita pode ser insuportável, já que anuncia a maior de todas as perdas: a "perda de si." A cultura secular precisa, portanto, forjar mecanismos que tratem do egocentrismo natural que aparentemente nos constitui e, em complemento, dispor de respostas razoáveis às questões filosóficas elementares. O autor não se defrontou claramente com o que deve ser o maior desafio para uma sociedade que se pretende secular, e isso se constitui em uma limitação de sua proposta até o momento.

A despeito das ressalvas desenvolvidas, *Religião para Ateus* é uma leitura recomendada não só para os interessados em vislumbrar como poderia ser uma sociedade essencialmente secular, mas sobretudo para os ateus, que podem acabar se excedendo em termos de rejeição e críticas às religiões. As ideias do filósofo suíço provavelmente receberão muitas objeções, mas isso poderá servir para que elas sejam lapidadas e, como esperamos, amplificadas. Se Auguste Comte não viveu em um cenário adequado para a difusão e concretização de suas ideias, talvez o mesmo não aconteça com Botton.